

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



“Diversidade e Inclusão” | Imagem: Histórias [Ilustradas](#)

Ensino de História inclusivo: revisão de escopo

Maryane Medeiros (UFS)

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma revisão de escopo realizada em 2025, vinculada ao projeto “Desenhando a História: o ensino inclusivo da História Local por meio de HQs em Moita Bonita/SE.” A pesquisa analisou 1.407 registros de dissertações e teses de pós-graduação em História, dos quais 11 textos foram examinados integralmente, distribuídos em três eixos: HQs e ensino de História, inclusão escolar com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan. Os resultados apontam predominância de estudos sobre HQs e inclusão, mas revelam lacuna na articulação entre imaginação, História Local e práticas pedagógicas inclusivas.

Palavras-chave: ensino de história; inclusão escolar; HQs; aprendizagem imaginativa; TEA.

1. Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de uma revisão de escopo realizada nos meses de agosto e setembro de 2025 como parte da pesquisa bibliográfica do projeto “Desenhando a História: o ensino inclusivo da História Local por meio de HQs em Moita Bonita/SE”. A investigação é norteadada pela questão: Como incluir alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no processo de aprendizagem sobre História. Ela integra a pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no período 2005-2006.

O objetivo principal deste trabalho é, portanto, inventariar a produção dos temas “Ensino de História Inclusivo para alunos com Transtorno do Espectro Autista”, “Aprendizagem imaginativa”, “Histórias em quadrinhos (HQs) e “História Local” nas dissertações e teses de História produzidas no Brasil entre os anos de 2016 a 2024, a fim de identificar lacunas e fortalecer a relevância do projeto de pesquisa que busca integrar HQs, história local e a teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan para o ensino de história inclusivo.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada nos repositórios acadêmicos: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Banco de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Como critério de seleção, considerou-se a presença explícita de ao menos um dos seguintes descritores: “aprendizagem imaginativa”, “história local”, “histórias em quadrinhos”, “educação inclusiva”, “transtorno do espectro autista” seja no título, resumo ou nas palavras-chave. Foram priorizadas dissertações com acesso integral disponível, voltadas à educação básica e com propostas aplicadas em contextos escolares.

Para definir a busca, empregamos a combinação de dois descritores presentes na mesma dissertação, ou seja, aplicando a conjunção lógica AND entre os temas no menu de pesquisa de cada banco de dados. Utilizamos o recurso de refinamento de busca para as áreas de conhecimento “educação”, “ensino”, “história”. Logo, o critério de seleção dos trabalhos foi estar vinculado à educação e ao ensino de história, resultando na eliminação de muitos trabalhos por pertencerem ao campo da medicina e outras áreas não diretamente relacionadas ao ensino de História.

A seleção dos trabalhos foi realizada em três etapas. A meta foi mapear o estado da arte da produção científica que relaciona o ensino de História às práticas pedagógicas inclusivas, com ênfase em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na aplicação da Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan e no uso de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático. A primeira etapa, conforme as diretrizes de Krippendorff (2019) para o domínio Análise do Conteúdo, consistiu na triagem realizada por meio da leitura dos títulos. A segunda compreendeu a leitura dos resumos, bem como das seções de introdução, fundamentação teórica, metodologia e resultados. A terceira etapa consistiu na categorização dos dados em um sistema de gestão Microsoft Access, organizados em campos específicos: carência (ou problema), questão de pesquisa, respostas (ou propostas), conceitos mobilizados e fundamentação teórica. Essa estrutura possibilitou uma análise sistemática e a eliminação de duplicatas.

O *corpus* analisado integralmente compreendeu onze dissertações: seis defendidas no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), duas no Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), uma no Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF), uma no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGEB) da Universidade Estadual Paulista (UEP) e uma na Pós-graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

3. Resultados globais

No primeiro levantamento, foram identificados 1.407 registros que continham os descritores. Foram trabalhos concentrados sobretudo nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. A distribuição das pesquisas por ano e banco de dados no Brasil mostra que o banco da CAPES concentrou o maior número de trabalhos, com destaque para o ano de 2016, que registrou oito pesquisas, seguido de 2020, com quatro, além de ocorrências nos anos de 2018, 2019, 2021, 2022, 2024 e 2025. A BDTD apresentou maior equilíbrio, com pequenas variações entre os anos, sendo 2018 e 2022 os mais expressivos. Já o Repositório da UFS – empregado para evitar possíveis ausências dos trabalhos locais nos repositórios nacionais – apresentou apenas um registro, referente ao ano de 2016.

Da análise dos títulos, 31 trabalhos acadêmicos foram considerados os mais relevantes por dialogarem com a temática da pesquisa. Destes 11 foram selecionados para análise integral. Tais dados revelam que a CAPES é o principal repositório de estudos na área em questão. Revelam também que as combinações de descritores que mais resultaram em trabalhos selecionados foram “história em quadrinhos” AND “ensino de história”, com 7 (sete) ocorrências, e “ensino de história” AND “transtorno do espectro autista”, com 6 (seis). Em seguida, aparecem com 3 (três) trabalhos cada as combinações “educação inclusiva” AND “ensino de história” e “história em quadrinhos” AND “educação inclusiva”. As buscas com as combinações “ensino de história” AND TEA, “imaginação” AND “ensino de história” e “imaginação” AND “aprendizagem histórica” resultaram em 2 (dois) trabalhos cada. Outras combinações apresentaram apenas uma ocorrência, como “história local” AND “educação inclusiva”, “história local” AND “ensino de história inclusivo”, “produção de HQs” AND “ensino de história” e “HQs” AND “história local”. Por outro lado, algumas expressões não retornaram resultados, como “Kieran Egan” AND “ensino de história”, “ensino de história inclusivo” AND “neurodiversidade” e “narrativa histórica” AND “aprendizagem inclusiva”.

Após a sistematização dos dados, constatou-se que apenas dois autores de dissertações estão diretamente relacionados a este projeto, por reunirem dois dos temas centrais investigados: Arruda (2024), que aborda História Local e HQs, e Silva (2024), que relaciona Ensino de História e Inclusão/TEA.

4. Análise descritiva dos objetivos, referenciais teóricos

Com base no mapeamento realizado, os trabalhos foram organizados em categorias temáticas para análise sistemática. As dissertações foram agrupadas conforme sua relevância para a pesquisa, contemplando aspectos metodológicos e referenciais teóricos utilizados.

Nesse sentido, temos três categorias: (1) HQs e Ensino de História; (2) Ensino de História e Inclusão Escolar, com ênfase no TEA; e (3) Ensino de História e práticas pedagógicas inclusivas (TEA) com base na Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan.

Na categoria Ensino de História, com foco em práticas inclusivas, destaca-se a dissertação de Franceschi (2022), que objetiva demonstrar a viabilidade do uso de HQs como recurso didático-pedagógico por professores de História no ensino de História Local. O estudo resultou em um tutorial que orienta desde a pesquisa local até a adaptação do conteúdo para a linguagem dos quadrinhos. O autor justifica a escolha das HQs por seu potencial de combinar linguagens verbal e imagética, aproximando os estudantes dos temas históricos de seu território e favorecendo sua percepção como agentes históricos. O quadro teórico é composto por Vergueiro (2009), Guimarães (2001), Lobão (2020), Certeau (1982) e Barros (2019). A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica extensa para fundamentar o desenho de um produto educacional (tutorial), sem implementação empírica em sala. O próprio texto caracteriza o tutorial como estratégia de letramento quadrinístico docente e guia de práticas (inclusive com plataformas digitais como *StoryboardThat* e *Pixton*). Na apresentação dos resultados, o autor pontuou que o uso de HQs baseadas na História Local contribui para engajamento, sentido de pertencimento e consciência histórica dos alunos, além de revelar desafios como a ausência de material de apoio e a necessidade de formação docente voltada à pesquisa em História Local.

De modo complementar, a dissertação de Costa (2019) investigou como as HQs podem ser aplicadas como material de ensino na disciplina de História. O autor historicizou a evolução das HQs, analisou exemplares específicos (*A luta contra Canudos, História do Brasil em Quadrinhos* e *D. João Carioca*) e indicou possibilidades interdisciplinares. Com fundamentação em autores como Eisner (2010), Vergueiro (2009), Schmidt (2004) e Bittencourt (2005), a análise da pesquisa foi qualitativa. O autor conclui que as HQs são fontes históricas com didática válida, pois permitem usar narrativas visuais e textuais na (re)construção do conhecimento histórico, aproximando o estudante de diferentes temporalidades (local, regional, nacional e global).

Na mesma direção, a pesquisa de Arruda (2024) explorou como histórias em quadrinhos (HQs) podem ampliar o ensino da Balaiada, utilizando como fonte histórica “*A Guerra do Maranhão*”, de Iramir Araújo, em uma aula-oficina para produção autoral de estudantes da série de tirinhas “*Balayôs*”, culminando numa sequência didática para uso docente em turmas do 8º ano. Teoricamente, o estudo dialoga com Bittencourt (2018) e Rüsen (2015), além das críticas decoloniais de Quijano (1992) e Mignolo (2017), articulando conceitos de historicidade/temporalidade de Hartog (2015) e Koselleck (2006), bem como a linguagem dos quadrinhos Eisner (2010). Como resultados, a pesquisa evidencia o engajamento, a valorização da História Regional e o pertencimento dos estudantes.

Ainda dentro desse grupo, a dissertação de Varela (2021) propôs utilizar HQs como recurso para promover a aprendizagem histórica. Ancorado em Rüsen (2009), Barca (2004) e Schmidt (2004), entre outros, o autor defende a HQ como linguagem narrativa capaz de comunicar experiências históricas. O recurso educacional é uma sequência didática que trabalha com HQs como fontes históricas. A aprendizagem histórica é conceituada com base nos referenciais de Jörn Rüsen (2009), e Varela (2021) explora também a ideia de cultura histórica como base para a construção da narrativa histórica.

De forma semelhante, Brito (2021) desenvolveu uma metodologia que valoriza a autoria estudantil na produção de HQs por meio de uma oficina estruturada em três etapas: leitura de fontes, da criação de roteiros e da ilustração das histórias produzidas pelos alunos. No quadro teórico, a aprendizagem histórica é definida com base em Rüsen (2010), sendo

compreendida como a formação da consciência histórica através da organização narrativa de experiências temporais. A proposta também incorpora elementos do modelo de aula-oficina.

No campo da inclusão, a dissertação de Primon (2022) analisou a contribuição das HQs para o desenvolvimento da leitura e escrita de alunos com deficiência intelectual, fundamentando-se em Vygotsky e na Teoria Histórico-Cultural, com destaque para conceitos como mediação, instrumentos culturais e desenvolvimento das funções psíquicas superiores. A metodologia adotada foi o experimento didático, estruturado em episódios de ensino com atividades de leitura em prosa e em HQ, avaliadas por indicadores da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados reforçam o potencial das HQs para contextos inclusivos, mas evidenciam a lacuna no ensino de História e no atendimento a outros públicos, como alunos com TEA.

Na mesma linha, a dissertação de Lima (2024) apresentou uma proposta de HQs protagonizadas por crianças com deficiência como estratégia para inclusão no ensino fundamental. Embora situada no campo da Educação Inclusiva e não no ensino de História, a pesquisa amplia o debate sobre a representatividade nos materiais didáticos. O autor desenvolveu HQs com personagens que apresentavam diferentes tipos de deficiência (amputação, visual, cadeirante, paraplegia, síndrome de Down, deficiência auditiva) e avaliou sua recepção junto a estudantes do ensino fundamental por meio de questionários. O trabalho fundamenta-se em McCloud (1995) e Eisner (2010) na área das histórias em quadrinhos. A metodologia é qualitativa, com aplicação em contexto escolar por meio de leitura dirigida e questionários. Os resultados indicam que as narrativas foram bem recebidas pelos alunos e demonstram potencial para sensibilizar e instruir.

Por fim, o estudo de Pinheiro (2024) investigou a construção de HQs colaborativas em sala de aula inclusiva, destacando a participação dos estudantes na elaboração das narrativas com uso de recurso digital (Canva). O trabalho também produziu um material instrucional para professores. O recorte empírico envolveu uma amostra de nove alunos, incluindo duas crianças com TEA. A intervenção foi organizada em pré-teste, com atividades em três oficinas, e pós-teste. O quadro teórico é composto por aportes sobre construcionismo/cultura maker (Papert; Harel, 1991). Quanto aos resultados e às discussões, o trabalho documenta ganhos pontuais de compreensão de narrativas visuais, engajamento e colaboração entre pares.

Na categoria Ensino de História e Inclusão Escolar, com ênfase no TEA e na formação docente, encontra-se, inicialmente, a dissertação de Silva (2024). Ela tem como propósito compreender como o trabalho realizado em uma escola para assegurar a inclusão de um estudante autista impactou as concepções de Ensino de História da instituição. Esse objetivo se desdobra em metas específicas, como discutir a inclusão no Ensino de História, descrever o contexto escolar e a experiência de uma comissão de acolhimento/inclusão no caso único de um estudante com TEA e, por fim, elaborar uma Solução Mediadora de Aprendizagem (SMA) com práticas inclusivas de História. O autor fundamenta-se em referenciais do Ensino de História Fenelon (1982), Monteiro (2001), Schmidt (2004), Bittencourt (2001), Fonseca (2010) e da Educação Inclusiva - Mantoan, Glat (2009), Freire (2011) e Orrú (2012), além de legislação nacional e documentos internacionais. No aspecto metodológico, utiliza abordagem qualitativa, estudo de caso único (Yin, 2001; André, 2013), entrevistas e questionários, com análise de conteúdo (Bardin, 1977) e triangulação de dados (Flick, 2009). Como resultado, demonstra que a inclusão efetiva no ensino de História depende de mudanças conceituais nas práticas docentes e do suporte institucional,

como a comissão de acolhimento, embora persistam dificuldades ligadas à insuficiência da formação docente.

Em continuidade, a dissertação de Santos (2024) investiga as percepções docentes sobre os desafios e possibilidades da inclusão de alunos autistas no ensino regular de História. O estudo comprova a carência de formação inicial e continuada dos professores, além de problematizar a recorrente confusão entre inclusão e mera socialização, que resulta em presenças físicas sem efetiva participação no processo de aprendizagem. Para sustentar suas análises, o autor mobiliza a teoria histórico-cultural de Vygotsky e referenciais sobre a formação docente e o ensino de História Guimarães (2016), Bittencourt (2018) e Monteiro (2007). Metodologicamente, adota abordagem qualitativa, com entrevistas realizadas junto a professores de História. Os resultados indicam a urgência de recursos visuais e estratégias didáticas acessíveis, reafirmando a necessidade de qualificação docente para atender à neurodiversidade em sala de aula.

Por sua vez, a dissertação de Ervilha (2019) investiga a inclusão de estudantes com Transtornos Globais do Desenvolvimento, com ênfase em adaptações curriculares no Ensino Médio. O estudo apresenta um panorama legislativo que assegura o direito à acessibilidade e propõe uma sequência didática adaptada, denominada “Regimes Totalitários: A História em Ação”. Sua contribuição é a oferta de evidências empíricas sobre a viabilidade das adequações curriculares em História. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com estudo de caso. Os resultados concentram-se na análise do processo de inclusão de alunos com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) na escola pesquisada, destacando o papel da mediação docente e dos recursos visuais multimídia como apoios relevantes para a aprendizagem, ainda que sem aprofundar a avaliação da consciência histórica dos estudantes.

Por fim, a revisão identificou uma lacuna na relação entre o ensino de História, as práticas pedagógicas inclusivas e a Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan. Nenhuma das dissertações mapeadas utilizou diretamente os conceitos centrais de Egan para analisar a inclusão escolar de estudantes com TEA no ensino de História. Embora alguns trabalhos, como os de Machado (2018), Barbosa (2016) e Paula (2020), abordem a imaginação como elemento da aprendizagem histórica, estes não dialogam com a perspectiva da Aprendizagem Imaginativa nem articulam essa dimensão às práticas inclusivas.

Ainda assim, é possível identificar aproximações indiretas. As dissertações que abordam narrativas criativas, enigmas ou experiências ficcionais em sala de aula demonstram a relevância de estratégias que estimulam a imaginação como meio de ampliar o engajamento dos estudantes. Contudo, tais abordagens não avançam no sentido de integrar esse potencial à inclusão de estudantes neuro divergentes.

Da mesma forma, os estudos voltados para adaptações curriculares ou recursos didáticos inclusivos permanecem alheios à concepção de Egan, restringindo-se a aportes da Educação Especial ou da Educação Inclusiva, sem incorporar a imaginação como categoria estruturante do processo de aprendizagem histórica. Portanto, a ausência de trabalhos que articulem a teoria de Egan às práticas inclusivas em História revela um campo inexplorado na produção acadêmica nacional, merecendo estudos acerca da temática com vistas a realizar intervenção pedagógica.

5. Uma análise crítica

Com base na análise do tópico 4, ou seja, a partir de eixos que conectam os achados da literatura com a proposta da pesquisa, afirma-se que o trabalho em curso, que trata do ensino inclusivo de História Local em Moita Bonita/SE por meio da produção de histórias em quadrinhos articuladas à Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan, foi beneficiado pela identificação de referenciais teóricos para HQs, Educação inclusiva e História Local, como também por subsídios práticos, como roteiros de oficinas e tutoriais para a elaboração de HQs sobre História local. Ao mesmo tempo, as dissertações analisadas demonstraram fragilidades que esta pesquisa busca superar, especialmente no que se refere à ausência de avaliação da aprendizagem e à pouca articulação entre teoria e prática.

A dissertação de Franceschi (2022), por exemplo, produziu um tutorial detalhado para o uso de HQs no ensino de História Local (p. 108-162), mas não chegou a aplicá-lo em sala de aula, o que limitou a verificação de sua viabilidade e de seus efeitos sobre a aprendizagem. Apesar de apresentar fundamentação sobre narrativas históricas e HQs, não dialogou com teorias da aprendizagem. Assim, sua contribuição oferece um guia para professores, mas sem validação empírica nem sustentação em teóricos da aprendizagem.

Em Costa (2019), a investigação concentrou-se na utilização das HQs como material de ensino de História (p. 68-108). Contudo, na avaliação da aprendizagem faltaram instrumentos avaliativos, como, por exemplo, rubricas e questionários comparativos. No campo teórico privilegiou estudos sobre iconografia e ensino de História, mas a ausência de aplicação em sala de aula enfraqueceu a análise que, por vezes, foi mais descritiva que problematizadora, assim como mais estética e semiótica do que pedagógica.

A dissertação de Varela (2020) buscou relacionar o ensino de história com HQs ao desenvolvimento da consciência histórica por meio de debates e atividades interpretativas (p. 146-147). Contudo, a aplicação da teoria de Rüsen (p. 63) foi parcial e a avaliação da aprendizagem pouco explorada, limitando o alcance da proposta.

Ervilha (2019) apresentou um ótimo recurso e a avaliação ocorreu por meio de observações, diário de campo e questionários a coordenadores (p. 49; 77-78). fundamentação teórica foi em autores da educação inclusiva e Transtorno Global do Desenvolvimento (p. 18-20; 28-30), porém, sem recorrer a teorias da aprendizagem, limitando a sustentação pedagógica do recurso.

A dissertação de Santos (2024) cumpriu o objetivo ao coletar dados por meio de entrevistas com professores da rede pública (p. 39-41) e ao apresentar um minicurso fundamentado na teoria da aprendizagem experiencial de Kolb (1984) como resposta às dificuldades relatadas (p. 63-65). No entanto, o recurso não foi aplicado nem avaliado, permanecendo apenas no nível de planejamento e a fundamentação teórica foi utilizada mais como justificativa do curso do que como parâmetro avaliativo.

O estudo de Silva (2024), diferente de outras dissertações que criaram ou testaram recursos (como HQs, sequências didáticas ou oficinas), resultou em um recurso chamado “*Soluções Mediadoras de Aprendizagem*”, com o objetivo de estabelecer um diálogo entre os professores do AEE (atendimento educacional especializado) e os professores de turmas regulares. (p.82). Entretanto, não há articulação direta com teorias da aprendizagem e isso fragiliza a proposta que diz ser justamente soluções mediadoras de aprendizagem.

Outras pesquisas mostraram maior relação entre teoria e prática. Arruda (2024), por exemplo, organizou atividades de leitura e produção de HQs com estudantes (p. 108–131),

valendo-se de oficinas, rodas de conversa e questionários aplicados antes e depois das experiências (p. 92–94). Essa escolha metodológica permitiu observar mudanças na compreensão dos alunos, descritas e analisadas pelo autor (p. 128-130).

A dissertação de Primon (2022) destaca-se pela ancoragem na teoria histórico-cultural de Vygotsky. Ao elaborar e aplicar uma sequência didática (p. 89-90) utilizou conceitos como defectologia, mediação e compensação (p. 20-21), integrando-os à análise dos resultados (p. 154-155). Apesar disso, concentrou a avaliação nos avanços de leitura e escrita, sem abarcar outras dimensões, como a aprendizagem histórica.

Brito (2021) contribuiu ao estruturar uma oficina para produção de HQs pelos estudantes, com etapas que envolveram leitura de fontes, elaboração de roteiros e ilustração. A pesquisa apresentou materiais instrutivos, como fichas e registros das produções dos alunos (p. 67-74; 126-155) e a avaliação baseou-se na observação das HQs produzidas (p. 130-131).

A pesquisa de Lima (2024) centrou-se na representatividade de personagens com deficiência em HQs autorais aplicadas em sala de aula (p. 57-59; 83-88). A avaliação, feita por meio de questionários antes e depois das atividades (p. 63), revelou percepções positivas dos alunos em relação à inclusão e diversidade, mas o texto não incorporou referenciais teóricos sobre aprendizagem.

Por sua vez, Pinheiro (2024) representa um ganho para esse projeto de pesquisa, pois investigou a produção colaborativa de HQs digitais em contextos inclusivos, propondo oficinas voltadas ao engajamento e à cooperação entre estudantes (p. 21; 34). Descreveu atividades de criação coletiva e registrou maior participação dos alunos (p. 96). A avaliação do recurso baseou-se na observação das práticas e dos produtos construídos (p. 21-22; 34), além de questionários pré e pós-oficinas.

Elencando os benefícios da revisão de escopo para o trabalho em curso, temos: referenciais para a construção do quadro teórico e metodológico, além da comprovação de que as histórias em quadrinhos (HQs) são um recurso didático de grande potencial para o ensino de história, conforme apontam Franceschi (2022), Costa (2019), Arruda (2024), Varela (2020) e Brito (2021).

No campo da educação inclusiva, a literatura analisada confirma a pertinência do uso das HQs em diferentes contextos escolares. Primon (2022) descreve como esse recurso contribui para o desenvolvimento da leitura e da escrita de alunos com deficiência intelectual, enquanto Lima (2024) enfatiza a importância da representatividade de personagens com deficiência, revelando impacto positivo na recepção dos estudantes. Pinheiro (2024) comprovou que a construção colaborativa de HQs em salas inclusivas promove engajamento, cooperação e reconhecimento das diferenças como parte do processo educativo.

No que se refere ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), as pesquisas de Silva (2024), Santos (2024) e Ervilha (2019) demonstram que a inclusão no Ensino de História impacta tanto a concepção docente quanto a prática pedagógica, embora ainda manifeste lacunas significativas na formação inicial e continuada dos professores. As adaptações curriculares e o uso de recursos visuais emergem como estratégias de acessibilidade fundamentais, mas persistem limitações quanto à avaliação da aprendizagem histórica.

Apesar de suas contribuições, as dissertações analisadas apresentam limitações recorrentes: ausência de instrumentos de avaliação capazes de mensurar a aprendizagem histórica,

pouca articulação entre teoria e prática, restrição a análises descritivas ou aplicadas a contextos específicos e desconsideração de referenciais sobre aprendizagem.

Diferentemente desses estudos, a pesquisa em desenvolvimento pretende superar tais fragilidades ao integrar referenciais teóricos de aprendizagem (em especial a perspectiva da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan) à prática pedagógica inclusiva, e ao propor instrumentos avaliativos que possibilitem verificar os efeitos das sequências didáticas sobre a aprendizagem dos estudantes.

6. Conclusões

A revisão de escopo objetivou mapear a produção acadêmica relacionada ao ensino de História em articulação com três eixos centrais: o uso de histórias em quadrinhos (HQs), as práticas pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a aplicação da Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan.

O levantamento identificou 1.407 registros, dos quais 11 dissertações atenderam aos critérios de análise integral. Os resultados indicam que a maior concentração de pesquisas está no eixo das HQs aplicadas ao ensino de História, com diferentes enfoques, desde propostas de autoria estudantil até sequências didáticas para o ensino de História Local.

A partir de 2019 surgem trabalhos focados na inclusão escolar, principalmente relacionados ao TEA e à formação docente, abordando adaptações curriculares, recursos didáticos e percepções dos professores. Contudo, nota-se uma lacuna na integração entre inclusão escolar, História Local e recursos narrativos imagéticos.

No terceiro eixo nota-se a ausência de estudos que relacionem a Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan ao ensino de História em contextos inclusivos. Embora existam pesquisas que abordem aspectos criativos da aprendizagem, não há trabalhos que incorporem diretamente a imaginação como elemento estruturante do ensino inclusivo de História.

De maneira geral, o panorama mapeado demonstra que a produção científica nacional se concentra na exploração das HQs e em debates sobre inclusão. Portanto, essa constatação confirma a relevância e a originalidade do presente projeto, que propõe integrar HQs, História Local e a Aprendizagem Imaginativa de Egan em uma proposta pedagógica voltada à inclusão de estudantes com TEA.

A análise crítica das dissertações examinadas evidencia que a produção acadêmica sobre HQs, inclusão e ensino de História ainda carece de rigor avaliativo e integração epistemológica entre os campos. A maioria dos trabalhos se concentra na elaboração de recursos didáticos e sequências aplicadas, mas sem aprofundar os pressupostos teóricos da aprendizagem que poderiam sustentar as práticas descritas. Além disso, observa-se a predominância de abordagens descritivas ou voltadas ao relato de experiência, com pouca problematização sobre os efeitos cognitivos, emocionais e imaginativos das HQs na formação histórica dos estudantes. Essa constatação reforça a necessidade de pesquisas que articulem teoria da aprendizagem, epistemologia histórica e práticas inclusivas, produzindo instrumentos analíticos capazes de mensurar a aprendizagem histórica e de interpretar as dimensões qualitativas do engajamento estudantil.

Por fim, no que diz respeito aos proveitos desta revisão para o projeto em curso, afirma-se que o levantamento realizado possibilitou identificar as contribuições metodológicas mais consistentes do uso de HQs no ensino de História, ao mesmo tempo em que comprovou a

lacuna na articulação entre práticas inclusivas, imaginação e ensino de História Local. Esses resultados reforçam a pertinência da pesquisa em desenvolvimento, que busca integrar a Teoria da Aprendizagem Imaginativa de Kieran Egan ao uso das HQs em propostas voltadas à inclusão de estudantes com TEA.

Referências

- ARRUDA, Daniel. Dos Balaios às tirinhas: o ensino de História da Balaiada por meio dos quadrinhos em Formosa da Serra Negra - MA. 2024. Dissertação – Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/747870>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BARBOSA, Alexandre Rodrigues de Frias. A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si. 2016. Dissertação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/12138>. Acesso em: 6 ago. 2025.
- BRITO, André Domingos de. Uma metodologia para a aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino fundamental por meio da produção de histórias em quadrinhos. 2021. Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso, 2021. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601158>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- COSTA, Jonathan Diógenes. Desenhos que ensinam sobre o passado: a aplicabilidade das histórias em quadrinhos no ensino de História. 2019. Dissertação – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/5322>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- EGAN, Kieran. Layers of historical understanding. *Theory & Research in Social Education*, v. 17, n. 4, p. 280-294, 1989.
- ERVILHA, Guilherme Cortez. Transtornos globais do desenvolvimento e a inclusão escolar: adequações curriculares para o ensino de História no ensino médio. 2019. Dissertação – Universidade Estadual Paulista, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182055>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- FRANCESCHI, Wilker Marcos. A nossa história em quadrinhos: o ensino de História local através de histórias em quadrinhos. 2022. Dissertação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/17664>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- KRIPPENDORFF, Klaus. Content analysis: an introduction to its methodology. 4. ed. Los Angeles: SAGE, 2018.
- MACHADO, Meri Emeli Alves. Ensino de História e imaginação histórica: estudantes e representações do passado em uma escola de Novo Hamburgo. 2018. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/189317>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- PAULA, Carolyne do Monte de. Aprender a desejar: aprendizagem histórica a partir de enigmas. 2020. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584855>. Acesso em: 6 ago. 2025.
- PINHEIRO, Charlene dos Santos Tugne. A construção de histórias em quadrinhos com a colaboração dos estudantes em sala de aula inclusiva. 2024. Dissertação – Universidade

Estadual de Ponta Grossa, 2024. Disponível em:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/972409>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PRIMON, Janete Aparecida. História em quadrinhos como recurso mediador para o aprimoramento da leitura e escrita do educando com deficiência intelectual. 2022. Dissertação – Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranaguá, 2022. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/730357>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, Anderson. A inclusão escolar de estudantes com TEA: um estudo necessário sobre a visão de professores de História para estudantes neuroatípicos. 2024. Dissertação – Universidade Federal de Roraima, 2024. Disponível em:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/972725>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SILVA, Edson Liberato da. Ensino de História e inclusão de estudante autista: estudo de caso em uma escola pública de Feira de Santana - Bahia. 2024. Dissertação – Universidade do Estado da Bahia, 2024. Disponível em:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/744106>. Acesso em: 14 ago. 2025.

VARELA, Cícero Soares. Aprendizagem histórica e o ensino de História por meio das histórias em quadrinhos. 2020. Dissertação – Universidade Regional do Cariri, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598579>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Autora



Maryane Medeiros mestranda pelo Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Sergipe (ProfHistória/UFS) e licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Desenvolve pesquisas voltadas à inclusão escolar no ensino de História, com formação em Neuroeducação, concluída pelo curso de Formação de Professores em Neuroeducação (SEB-MEC). É professora da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos (Moita Bonita/SE) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ID Currículo LATTES:

<http://lattes.cnpq.br/1145717819057499>; ID ORCID:
<https://orcid.org/0009-0005-4730-257X>; E-mail: maryanemedeiros@academico.ufs.br.

Para citar esta resenha

MEDEIROS, Maryane. Ensino de História inclusivo: revisão de escopo. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 25, p. 44-54, set./out., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).